

Bernardo Vieira Ravasco

SONETO

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão azinha
Em tão compridos annos de tormento.

As minhas torres que fundei no vento,
O vento as levou, que as sustinha :
Do mal, que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras apparece,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas sempre no melhor desaparece.

Ah triste fado ! Ah grave desventura !
Por um pequeno bem que desfallece
Aventurar um bem que sempre dura.

OITAVAS GLOZADAS AO SONETO

Esperei e esperança é morte amarga,
E só força de puro amor se atreve
Em dura auzencia a tão pesada carga,
Que no nome de amor se torna leve :
Nunca me pareceo, que de tão larga
Esperança tirasse um bem tão breve,
Pois foram as que se foram, como o vento,
Breves horas do meu contentamento.

São os gostos de amor imaginados
Mui grandes sempre, e ficam mui pequenos,
Quando por tempo vem a ser gozados,
Porque costuma o bem ser sempre menos :
Nunca me pareceo, gostos passados,
Que assim vos acabasseis, pelo menos
Que vos mudasseis em desgraça minha
Nunca me pareceo quando vos tinha.

Nunca me pareceo, glorias passadas,
Que passasseis com o bem que vou seguindo,
Com suspiros e ais, e com cansadas
Lagrimas, que dos olhos vão cahindo :
Nunca me pareceo arrebatadas
Horas, causa do mal, que estou sentindo,
No tempo, em que com ter-vos me mantinha,
Que vos visse mudadas tão azinha.

Nunca me pareceo , que tanta gloria
Se convertesse em mal , e que eu o vira ;
Deram meus gostos fim , e d'esta historia
Sempre me lembro , sempre a alma suspira :
Se perdera com elles a memoria
Não me lembraram mais , não o sentira ;
Mas ficou-me com ella o sentimento ,
Em tão compridos annos de tormento.

Nunca me pareceo , que me custasse
Tanto alcançar-vos , e depois de ter-vos
Nunca receio , que chegasse
Com o tempo vario o tempo de perder-vos :
Cuidei que tanto bem nunca acabasse ,
Não soube no principio conhecer-vos ,
Mas já agora desfez o entendimento
As minhas torres , que fundei no vento.

Quanto fingia , a tudo assegurava ,
De nada me temi , vendo-me posto
Aonde em quanto a alma se elevava
Dava final de bem , de gloria , e gosto ,
Mas quanto mais a vista se empregava
Na falsa luz do sol , o vi transposto ;
Que as falsas causas d'esta gloria minha
O vento as levou , que as sustinha.

Mil noites padeci de ausencia dura
 Por um só dia, que amanhecendo,
 Logo a sombra senti da noite escura,
 Que veio antes de tempo anoitecendo :
 Quão tarde chega um bem, quão pouco dura ;
 Á vista de meu mal vou padecendo ;
 E pois não vi o mal, que depois vinha,
 Do mal, que me ficou, a culpa é minha.

A culpa minha é, e bem podera
 Culpar do breve tempo a brevidade ;
 Foi breve aquelle, se outro tal viera,
 Perdera do passado a saudade :
 Tão saudoso do bem fiquei, que dera,
 Se minha fôra, minha liberdade
 Pelo tornar a ver, mas brado ao vento,
 Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Mil lagrimas me custa um desengano,
 De que me desengana um accidente ;
 Que na perda do bem se sente o dano,
 Se não se perde a vida juntamente :
 Não queira bem quem não quer o desengano,
 Não ha mór mal, que o bem, que é apparente ;
 E se é mal grande o mal, que bem parece,
 Amor com falsas mostras apparece.

Segui amor aonde me guiava ,
Mostrou-me não sei que, que ainda desejo ;
Mas se era cego, como me mostrava .
Ou como então não via o que ora vejo !
Vi, e não vi o mal, que me esperava ,
Porque quem vai levado de um desejo ,
Que amor accende, e já acceso apura ,
Tudo.possivel faz, tudo assegura.

Tudo assegura, tudo facilita,
Impossivel por propria natureza ;
Com vozes mudas a razão nos grita ,
Não queremos ouvir, depois nos peza :
Esperança adoramos infinita,
Não mais que por seguir a falsa empresa
Que um thesouro de bens nos offerece,
Mas sempre no melhor desaparece.

Já passaram por mim estas verdades ,
Mas ainda tenho saudade d'ellas ;
Não sei que força esta é ter saudades
De cousas, que não ha para que te-las ?
Sahe o piloto d'entre as tempestades ,
E logo torna a dar ao vento as vellas,
Deixando pelo mar, terra segura ;
Ah triste fado ! Ah grave desventura !

N'esta tragedia da vangloria humana
Nunca entra o bem, o mal sempre é figura ;
E só com isto enfim nos desengana,
Que um voluntario mal nunca tem cura ;
Quem nos leva traz si, quem nos engana
A aventurar um bem, que se aventura,
Si amor é o menor mal, a que se offerece
Por um pequeno bem, que desfallece.

Por um pequeno bem que vem aguado,
Por tão pequena luz, que logo morre,
Aventurar um bem, que aventurado
Por tantos passos tantos riscos corre :
Foi louco o pensamento, mas forçado,
Um pensamento meu, que não se corre,
Por gloria, que não tem gloria segura,
Aventurar um bem, que sempre dura !
